

# EFEITOS DE SENTIDO EM PESQUISAS NA ANÁLISE DE DISCURSO: TECENDO REFLEXÕES SOBRE E NO DISCURSO

Denise Machado Pinto<sup>1</sup>  
Jennifer Souza Alvares<sup>2</sup>  
Mirela Schröpfer Klein<sup>3</sup>

**Resumo:** Três pesquisas, distintos corpus de análise e um mesmo objeto teórico. Assim sendo, tecemos algumas reflexões sobre uma noção tão cara à Análise de Discurso e que não se fecha em si mesma: o discurso. Percorrendo alguns pontos desde a proposição da noção que embasa esse campo de estudos, em 1969, deteremo-nos em uma caminhada histórica a partir de um olhar voltado às obras *Análise Automática do Discurso* (1993) e *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (2009), do autor Michel Pêcheux. Buscamos, a partir dessas obras, a compreensão dos efeitos de sentido que a proposição de uma nova teoria, pensando sua relação com a historicidade do disciplinar, (re)formula em práticas e saberes nos estudos da linguagem.

**Palavras-chave:** AAD-69. Discurso. Semântica.

## EFFECTS OF MEANING ON RESEARCHES IN DISCOURSE ANALYSIS: PRODUCING REFLECTIONS ABOUT AND IN THE DISCOURSE

**Abstract:** Three researches, distinct corpus of analysis and the same theoretical object. Based on that, we produced some reflections regarding a crucial component related to Discourse Analysis which does not end at its own extent: the discourse. Covering some points to start with the proposition of the notion that supports this field of studies, in 1969, we will focus on a historical walk with a special view toward the works *Análise Automática do Discurso* (1993) and *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (2009), by Michel Pêcheux. Having these works in account, we search the comprehension of the effects of meaning that the proposition of a new theory, thinking its relation with the disciplinary historicity, reformulates in practice and knowledge in the language studies.

**Keywords:** AAD-69. Discourse. Semantics.

1 Doutorado em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria - RS (UFSM), E-mail dnisemachado@gmail.com

2 Mestranda em Letras na Universidade Federal de Santa Maria - RS (UFSM), E-mail jealvares@outlook.com

3 Mestranda em Letras na Universidade Federal de Santa Maria - RS (UFSM) E-mail mirelask@live.com

## Corpora em movimento, pesquisas em curso

Mas pode-se dizer com uma certeza suficiente que uma disciplina sem história e sem reprodução não pode ser uma ciência. (AUROUX, Sylvain. A historicidade da Ciência, 2008, p. 156, grifo do autor)

O discurso em circulação *sobre* a região das Missões do Rio Grande do Sul. A produção discursiva sobre vítima e agressor nas audiências de feminicídio íntimo através das formulações linguísticas dos agentes de Estado. O *filme educativo* no Brasil, durante a primeira metade do século XX, enquanto uma materialidade discursiva. O que lineariza esses três enunciados que, a princípio díspares, parecem não possuir entre si elos estruturais e aproximativos? Haveria neles algo em comum, uma conexão? Enquanto três objetos analíticos (ORLANDI, 2007, p. 22) de pesquisas desenvolvidas no interior da análise de discurso materialista pecheuxtiana, há um saber científico que os organiza. Com tais objetos, nossas produções acadêmico-científicas são inscritas institucionalmente naquilo que Auroux determina como “comunidades de conhecimento” (AUROUX, p. 129, 2008): em nível de mestrado e doutorado, essas pesquisas em andamento<sup>4</sup> são parte de uma agenda de um laboratório<sup>5</sup> vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Se destacamos isto, é porque nosso texto, antes de propor uma reflexão teórica sobre o objeto

4 “O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001”.

5 Falamos de agenda de pesquisa no interior do Laboratório Corpus - Laboratório de Fontes de Estudos da Linguagem, com sede na Universidade Federal de Santa Maria, não em sentido de demandas imediatas, mas a partir de propostas e interesses pertinentes a uma área científica que se inscreve em linhas de pesquisa, em consonância com o que Auroux define como “caráter desinteressado da ciência”: “pelo qual é necessário hoje compreender não que a ciência não busque alguma utilidade, mas o seu componente teórico não será constituído e determinado de maneira ad hoc por uma utilidade” (AUROUX, 2008, p. 129, grifos do autor).

discurso, considera o fazer científico enquanto um “fenômeno social (coletivo)”, que se constitui, segundo Auroux (2008), abarcando componentes teóricos, práticos e sociológicos. Nossa prática na e com a Análise de Discurso não se constitui sem tal reflexão. Assim sendo, propomos neste artigo uma discussão que parte do pressuposto de que sempre há o que dizer sobre o discurso enquanto objeto teórico, uma vez que o conhecimento historicizado a partir do lugar constitutivo de cada sujeito é construído na movência de saberes e práticas de uma dada comunidade científica. Objeto de desejo do analista, objeto que evoca a materialidade do sentido em sua divisão, que nos impõe a reflexão do entremeio constituinte da teoria, o discurso é uma noção que faz com que busquemos, de tal modo, refletir sobre nosso lugar e nossas pesquisas apresentando um percurso que toca a própria história da Análise de Discurso, algo que remonta uma “paisagem disciplinar francesa”, como afirma Gadet (2014, p.7) no prefácio da edição brasileira de *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pécheux*, mas que acaba por ganhar força em outros países, disciplinarizando-se, ocupando lugares nos cursos de Letras, nos estudos de pós-graduação, como é o caso do Brasil.

O discurso, enquanto noção teórica, nos enlaça, colocando-se incontornável em qualquer trabalho que seja desenvolvido a partir de um dispositivo teórico-analítico da Análise de Discurso de linha pecheuxtiana tal como o fazemos no Brasil, sobretudo, a partir dos trabalhos de Eni Orlandi<sup>6</sup>. Como importante processo de historicização teórica e que toca diretamente tal conceito basilar, lembramos aqui de uma recente data simbólica: no ano de 2019 rememorou-se a primeira edição de

6 Citamos aqui alguns dos trabalhos que marcam a construção da AD tal como se desenvolve no Brasil, como por exemplo: Discurso e leitura (1988), Análise de discurso: princípios e procedimentos (1990), Discurso fundador (1993), Interpretação - Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico (1996), Gestos de leitura: da história no discurso (1997), Discurso e leitura (1999), entre outras.

*Analyse Automatique du Discours*, livro escrito por Michel Pêcheux, publicado na França pela Editora Dunod em 1969. No Brasil, vimos ocorrer como efeito de rememoração: eventos acadêmicos, números de revistas e artigos<sup>7</sup> que partiram dessa obra que inaugurou um campo de reflexões e, em sua época, já deslocava terrenos, tendo uma recepção com grande interesse, como afirmam Helsloot e Hak (1995) no texto que abre a edição em inglês *Automatic Discourse Analysis*. O primeiro livro de Pêcheux, que completou cinquenta anos em 2019, inscreve ao longo de suas páginas a máxima pecheuxtiana de que “o discurso é efeito de sentidos entre os pontos a e b” (PÊCHEUX, 1993, p. 82). Se trazemos essas questões é por compreendermos que se faz necessário sempre já refletir sobre o histórico das/nas teorias e disciplinas, uma vez que possuem um “horizonte de retrospectação” (AUROUX, 2008).

É em tal direção que se coloca a escrita deste artigo: refletir sobre o objeto teórico específico da disciplina, o discurso, em um percurso que remonta historicamente duas obras precursoras e o modo como a teorização desta noção primordial afeta a pesquisa em AD atualmente. Para tanto, partiremos, primeiro, da reflexão sobre o conceito teórico em *Análise Automática do Discurso* (AAD-69), texto disposto na edição brasileira *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux* (1993), e *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (2009), e, depois, faremos uma necessária relação basilar com nossas pesquisas, tomando como objeto de análise o cotejo entre as obras norteadoras ambas de autoria de Michel Pêcheux, reconhecido como autor-fundador

7 Edições comemorativas das revistas *Línguas e Instrumentos Linguísticos* e também *Interfaces*; eventos organizados em rememoração, como o ocorrido em Cascavel pela UNIOESTE (IV Seminário Internacional (SINEL) e V Seminário Nacional em Estudos da Linguagem (SNEL)); artigos do livro *De 1969 a 2019: um percurso da/na Análise de Discurso* (publicado pela Pontes Editores em 2019); A publicação da tradução da obra completa *Análise Automática do Discurso* no ano de 2019 também marca a comemoração dos 50 anos do discurso inaugural da AAD-69.

da Análise de Discurso. Para nós é profícuo pensar a teoria como prática de leitura e prática social da e sobre a língua enquanto materialidade do discurso, pois é no lugar de pesquisadoras do campo dos estudos da linguagem que nos inscrevemos. Assim, ao pensar o discurso a partir de (re)formulações feitas no percurso de décadas, também faz com que estabeleçamos a passagem do nível linguístico ao discursivo, em uma espécie de “leitura-trituração” (PÊCHEUX, 2016, p. 25) pautada na prática discursiva de construção de um dispositivo teórico-analítico, considerando sujeito e condições de produção, de modo a reafirmamos nosso posicionamento científico. Melhor dizendo, e trazendo as palavras de Eni Orlandi à baila, inscrever-nos no território da AD é buscar compreender que,

[...] mesmo que os sentidos (e as palavras) estejam soltos, os gestos de interpretação sempre se dão em posições ideológicas que podem ser analisadas e, assim, compreendidas, em seu funcionamento. Isto porque os sujeitos (se) significam a realidade social e natural em determinadas condições e a partir de um saber discursivo, uma memória que se faz pela filiação a uma rede de sentidos, historicamente determinados e politicamente significados (ORLANDI, 2012, p. 142).

## **AAD-69 e o “discurso fundador” da Análise de Discurso**

A Análise de Discurso é identificada como produção científica no interior dos estudos das/ sobre as linguagens, mas não fechada na linguística, porquanto seu objeto científico específico - a saber: o discurso - é compreendido em relação também com outros campos do conhecimento. Ou seja, é caracterizada por constituir-se como disciplina de entremeio que toma a língua enquanto materialidade que nos dá acesso ao funcionamento discursivo. É na desconfortável movência teórica suscitada pelos embates entre noções advindas da Linguística, do Materialismo althusseriano

e da teoria do inconsciente psicanalítico que a AD começa a ocupar seu terreno na França do final dos anos 60. Questionamentos em disputa e entremeio não só teórico, mas de sujeitos em posições distintas que de alguma forma dialogaram e, por vezes, praticaram uma escrita de entremeio: aquela que, faz com que Françoise Gadet, linguista de formação, escreva no prefácio para a edição brasileira da obra *A Língua Inatingível*: “não sou sempre capaz de dizer sem hesitação qual de nós dois é a fonte de quê - o que é mais motivo de prazer, pois é sinal de que é um texto e não é uma colagem” (GADET, 2004, p.11).

O entremeio, que foi se aprimorando ao longo dos textos, nos grupos de pesquisa, nas publicações em números de revistas acadêmicas como das revistas como *Language, Mots, Dialectiques*, em eventos, foi também condição necessária para que Pêcheux pudesse afirmar em 1982, na abertura do colóquio *Materialidades Discursivas* que: “Há um real da língua. Há um real da história. Há um real do inconsciente” (PÊCHEUX, 2016, p.17). Cabe ainda destacar que isso não se faz pela crítica negacionista do trabalho do historiador, do linguista e do analista, mas por aquilo que Pêcheux definiu nesse colóquio, quando fala sobre a especificidade do trabalho com as materialidades discursivas: “não funciona sem deslocamentos de fronteiras entre disciplinas, afetando profundamente seu regime de verdade, uma vez que essas disciplinas são provocadas pelas suas margens”. Ou seja, o escopo teórico, que abrange, por exemplo, a noção de materialidades discursivas e de discurso enquanto efeito de sentidos, vai provocando no interior da teoria uma certa busca por respostas ao que nesses três terrenos falha(va) (constitutivamente) .

A Michel Pêcheux é outorgada a autoria dos pensamentos inaugurais de tal campo científico, ainda que outros pesquisadores aí se encontrem como parte das reflexões que culminaram no livro, da primeira edição brasileira, tido como precursor

do desenvolvimento do que se configuraria como a teoria do discurso. *Análise Automática do Discurso – AAD-69* (1993), no Brasil, organizado junto a uma coletânea de textos em 1990, e que em 2019 ganha uma nova tradução e publicado de forma integral por Eni Orlandi através da Pontes Editores. Vemos esse ponto de partida de modo que nos textos posteriores a este tido como inaugural denota-se o percurso característico à teoria de se repensar constantemente e buscar desenvolvimento através da feitura da prática analítico-reflexiva, no fazer próprio do pesquisador da/na linguagem. No Brasil, a produção assumida através da posição da/na AD francesa está ligada, sobretudo, aos desenvolvimentos propostos e configurados por Eni Orlandi e seus grupos de estudos vinculados, na UNICAMP e ao redor do país, os quais compõem a entrada e o desenvolvimento de uma teoria francesa em solo brasileiro, com as reconfigurações que lhe cabem através das condições de produção e sócio-históricas desse nosso território até os dias atuais.

Em meio à efervescência do Estruturalismo como campo de estudos, as reflexões postas por Pêcheux surgem como um outro caminho para se pensar a língua, relacionado às já insurgentes teorias que não se encaixam em um pensar a língua apartada do *Homem* e do *social* que lhe constitui. A década de 60 é marcada pelos pensamentos dentro do campo dos estudos da linguagem que vêm a questionar uma língua fechada em si mesma, não afetada pelo exterior. É assim que,

Com a AAD-69, materializa-se, em um livro – diferente de tudo o que se tinha até então –, uma luta para que a linguagem não seja jamais tomada como “transparente”, para que o sujeito não seja mais concebido como “origem do dizer” ou como “um tirano controlador dos sentidos (VENTURINI & PETRI, 2019, p. 14).

Ou seja, temos com a publicação desse livro um marco histórico dentro da produção do pensamento científico sobre a língua e a linguagem

como parte da sociedade. É pela inserção do sujeito como parte necessária na construção dos sentidos, assim como as condições de produção que os determinam - sujeito e sentido (ORLANDI, 1996, p. 28) -, que o novo da noção de discurso insurge para abrir o campo de estudos das/sobre as linguagens em sua relação necessária com o social e o histórico.

Não é tão somente no fazer científico que se vive uma efervescência no significativo fins da década de 60, a sociedade enquanto formação social também passa por uma fase de (r)evoluções. No continente ocidental tem-se um embate entre as classes e também entre as formas de governanças na busca por mudanças na estrutura social, sobretudo com relação à opressão das massas populares. As décadas de sessenta e setenta são marcadas como um período de questionamentos, de evoluções nas lutas de minorias, de revoluções nos campos da prática política e de mudanças que sinalizam na sociedade até hoje que nada é estanque, a movência faz parte do funcionamento. Nessa era de agitação é que encontra-se Michel Pêcheux, sujeito histórico, que ocupa posições de militante e pesquisador, marcado pelas condições que o fazem indagar o campo das teorias em sua relação com a prática social e o seu próprio eu; um cientista e um ativista social que se enquadra no campo do político como um constante questionador. Disso, então, surge sua inovação teórica (OLIVEIRA; NOGUEIRA, 2019). Quando da proposição de seu método, o que ele buscava era sair da obviedade da análise linguística, tão marcada, para si, como superficialidade, como parte somente de uma análise da língua escrita dos textos. A *AAD-69* surge, dessa maneira, como instrumento de análise, não apenas como proposta teórica de análise, mas um maquinário enquanto tal que serviria para dar conta de uma leitura para além da subjetividade (GADET; LÉON, MALDIDIER; PLON, 1993, p. 55-6).

Pêcheux está procurando como o discurso, especificamente o discurso político, que pode ser analisado para além da obviedade, do conteúdo, ou da informação que deseja passar ao ouvinte/leitor; é assim que “Ele diz que o instrumento da prática política é o discurso, ou mais precisamente, que a prática política tem como função, pelo discurso, transformar as relações sociais reformulando a demanda social” (HENRY, 1993, p. 24). De pronto se marca uma visão que não está centrada na língua enquanto tal, e sim na materialidade que ela constitui enquanto parte do discurso, o discurso político. Cabe ressaltar que a posição que ele assume nesse momento histórico não é a do linguista, muito menos a do logicista que busca um enquadramento dos estudos da língua exclusivamente relacionada à Lógica, mas a de um filósofo que se põe a refletir a língua em sua relação com o Materialismo Histórico, campo de saber que lhe é caro dadas as condições históricas do momento de sua produção, numa busca de relacionar à não-estabelecida (ainda) teoria do discurso, afetada aí pelo sujeito de percepção psicanalítica. Assim é que, apesar de em *AAD-69* não estar descrita a pontuação das três teses<sup>8</sup> do materialismo no que o interessa refletir em relação com seu insurgente objeto, as quais Pêcheux irá elencar somente em *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (2014, p. 71), já é possível depreender a importância dessa teoria para a reflexão quando da proposição sobre as condições de produção como eixo norteador da compreensão daquilo a ser colocado como o discurso (GADET; LÉON; MALDIDIER; PLON, 1993, p. 50-52).

O início de *AAD-69* marca o lugar em que o autor faz a tomada de posição ao criticar a ciência clássica da linguagem (INDURSKY, 2019), uma

8 “Podemos, então, enunciar as teses fundamentais do materialismo e comentá-las no domínio que nos interessa: o mundo ‘exterior’ material existe (objeto real, concreto-real); o conhecimento objetivo desse mundo é produzido no desenvolvimento histórico das disciplinas científicas (objeto de conhecimento, concreto de pensamento, conceito); o conhecimento objetivo é independente do sujeito.” (PÊCHEUX, 1993, p. 71)

vez que ele desloca o que se fazia no momento científico em questão na análise de conteúdo, afirmando

[...] que nem sempre se pode dizer da frase que ela é normal ou anômala apenas por sua referência a uma norma universal inscrita na língua, mas sim que esta frase deve ser referida ao mecanismo discursivo específico que a tornou possível e necessária em um contexto científico dado (PÊCHEUX, 1993, p. 73).

Não se trata de um estudo da língua formal, buscando compreender as estruturas gramaticais e sintáticas; o viés proposto é o da língua enquanto parte necessária na produção do discurso, o processo discursivo. Temos o diferencial, uma ruptura com o que se tem produzido até então: a quebra de uma perspectiva exclusivamente de língua pela língua, entendida como estrutura fechada em si mesma.

A relação com Saussure é bastante presente nessa fase, porque Pêcheux dialoga com determinados pontos da linguística saussureana e desloca outros, principalmente pela desconstrução da oposição língua-fala, interno-externo, trazendo à tona o processo discursivo enquanto funcionamento (PETRI; VENTURINI, 2019, p. 15). Aliás, como o próprio autor assinala em 1982, com o texto escrito a quatro mãos com Léon, Bonnafous e Marandin: “Marx, Nietzsche, Freud e Saussure eram recrutados para um mesmo combate, tomando por objeto, nesse momento, a questão de saber o que é falar, escutar e ler” (LÉON; BONNAFOUS; MARADIN; PÊCHEUX, 1993, p. 254). Dessa forma, “O estruturalismo dos anos 60 partia em guerra contra essas diversas formas (espontâneas ou científicas) de evidência empírica da leitura, com suas bandeiras de conceitos tais como ‘leitura de sistemas’ e ‘teoria do discurso’ [...]” (idem). Tais são as condições de produção que constituem o que vem a ser teorizado como o objeto discurso.

Também, vemos marcado na obra o afastamento da, naquele momento, em voga teoria da comunicação, a qual propõe a mensagem como

centro do estudo, sendo seu objeto a transmissão de informação entre os locutores A e B. Sua proposição em falar do discurso ao invés da mensagem marca o lugar de que “[...] não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre A e B, mas, de modo mais geral, de um ‘efeito de sentidos’ entre os pontos A e B” (PÊCHEUX, 1993, p. 82, grifos nossos). É a partir de tal articulação conceitual de deslocamento o que faz é formular o que viria a consolidar-se como um posicionamento teórico no campo do discurso, marcando conceitos caros ao fazer do analista, os quais mencionamos aqui apenas a título de ilustração, uma vez que não se trata de refletir sobre estes no espaço deste artigo, como por exemplo as noções de: *formações imaginárias, posição, antecipações, condições de produção, efeito metafórico, sequência discursiva*.

Ainda de maneira embrionária, o que se apresenta é, de fato, uma teoria do discurso de filiação materialista, inclinada a refletir a produção de sentidos na sua ligação com as condições de produção que lhe marcam. Mesmo que ainda não tendo a abertura e aprofundamento de trabalhos posteriores, a ideologia e o histórico-social são apresentados como fatores constitutivos da compreensão de uma teoria do discurso. Sua opção, dentro dos estudos da e sobre a língua, pelo viés semântico vai marcar a tentativa de se desvincular das regras formais e dar um estatuto também exterior à produção linguística do humano; assim sendo, quando assinala que o discurso é “uma sequência linguística limitada por dois brancos semânticos e que corresponde a condições de produção discursivas definidas” (PÊCHEUX, 1993, p. 108) vemos a ruptura com o estruturalismo pressuposto nos estudos pós-saussureanos, quando da inclusão do semântico, do externo, dos sentidos, como parte crucial do processo discursivo.

O diferente e inovador no avanço da disciplina apresentado no livro de 1969 são as apresentações feitas com empréstimos às teorias vinculadas à

matemática a fim de automatizar um instrumento de leitura discursiva<sup>9</sup>, então, uma explanação de como se deveria dar a análise automática dos discursos. Isso faz com que os cálculos e determinadas propostas para uma leitura maquinária possam soar estranhos aos estudos do discurso atuais, uma vez que a filiação à AD pecheuxtiana atual, na qual nos inserimos, se faz muito mais pelo desenvolvimento teórico do abandono da tentativa de um trabalho automatizado com esse objeto que, acreditamos, não se dá à automatização. Em sendo necessários sujeito e condições de produção determinados por uma ideologia em funcionamento e sujeitos ao equívoco, assim como o é a língua, a proposta de uma máquina capaz de dar conta do método analítico não obtém força necessária para o avanço até o presente momento. Não dá conta das questões do sentido, busca primordial de Pêcheux e seu grupo (PETRI, VENTURINI, 2019, p. 16).

O lugar incômodo de Pêcheux se mostra mesmo nessa obra, quando reconhece que a automatização que é apresentada precisa ser recolocada, por não se tratar de uma teoria tão só da língua, mas também um procedimento de análise da mesma, vista sob a ótica discursiva, “[...] entendendo-se que esse procedimento repousa sobre pressupostos teóricos que exigem precisamente ser explicitados e criticados pelo linguista” (PÊCHEUX, 1993, p. 123). Não se colocar no lugar do linguista denota o cuidado que o teórico tem no tateamento da busca de um novo campo de estudos, onde sejam colocadas a questão do sujeito especificamente ligada à ideologia, o que até então não se tinha formulado como parte substancial na produção linguística.

---

9 O advento da tecnologia nas décadas de 60 e 70 do século vinte trouxe à tona teorias que buscavam na maquinaria a padronização de um trabalho teórico como forma de torná-lo automatizado, logo, objetivo e menos propenso às falhas. A proposição de uma análise automática buscava, através de um programa mecanizado tecnologicamente, analisar recorrências discursivas em seqüências discursivas autônomas (SDA), um procedimento que pressupunha o linguístico em sua repetição.

Sua problematização do modo e do lugar da leitura no campo científico desloca a produção do saber e instaura novos lugares. O real da língua já é nesse momento presente mesmo que por uma ausência necessária, pois não inserir-se no lugar do linguista deixa ver que pela linguística se apaga o real próprio à língua (PÊCHEUX, 2015, p. 50), aquilo que falha em um sistema estruturado e fechado, muitas vezes sequer questionado em tal época.

Não nos caberia aqui espaço para discutir em profundidade as remodelações que faz o teórico junto de seu grupo de estudos em textos posteriores, porém, atentamos que o capítulo IV do livro *Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux* (1993), marca aquilo que faz parte do pensamento pecheuxtiano de se reformular e até mesmo contradizer e abandonar o que antes formulou-se, para buscar de forma incessante o objeto discurso enquanto objeto de produção científica no interior de um entremeio nos campos de saber que o autor elege.

O capítulo em questão, intitulado *A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas* (1975), apresenta a articulação que se propõe entre o Materialismo Histórico, a Linguística e a Teoria do Discurso com um desenvolvimento teórico oriundo das reflexões que os anos e as parcerias de escrita suscitaram, com a visão do sujeito dotado de inconsciente proveniente dos estudos psicanalíticos, para formular avanços ao que foi teorizado em 69. Aliás, escrever a várias mãos é uma prática que vemos nos muitos textos publicados ao longo da vida acadêmica de Michel Pêcheux, na relação com pessoas de diversificadas áreas de pesquisa, reflexão que poderíamos relacionar com o vai-e-vem não só do desenvolvimento teórico como também das relações entre pares, ambos necessários no trabalho com uma teoria do discurso. É nas palavras do próprio Pêcheux e Catherine Fuchs que demarcamos esse olhar para um momento inaugural, do novo, d'O Discurso

sendo construído teoricamente, pois, “AD-1 é um procedimento por etapa, com ordem fixa, restrita teórica e metodologicamente a um começo e um fim predeterminados, e trabalhando num espaço em que as ‘máquinas’ discursivas constituem unidades justapostas” (PÊCHEUX, 1993, p. 313). Há cinco décadas teve início o desenvolvimento daquilo que se mostra sempre atual e necessário, há tempos pensamos a língua para além do óbvio, há meio século discutimos o discurso e sua importância enquanto objeto de estudos. Se 1969 é o ano em que o discurso insurge para fazer-nos refletir sobre as linguagens como nunca estanques, o hoje é o momento de continuar a refletir sobre a necessidade e pertinência de se trabalhar com a teoria do discurso nos muitos objetos analíticos, vez que sempre são novos pelo olhar que lhes dá o sujeito-pesquisador e as condições de produção em que se encontra.

### **O objeto discurso em movimento: as reflexões de 1975 em Semântica e Discurso**

Que a Análise de Discurso atravessou reformulações já assinalamos acima, o que marcamos aqui é a ruptura, o amadurecimento e o livro que é até hoje considerado marcante em termos de contribuição e amadurecimento teórico nas duas décadas em que se deteve nestes estudos Michel Pêcheux. Publicado originalmente em 1975, apenas seis anos após a primeira modelagem de uma teoria do discurso, essa obra carrega a titulação de clássico no interior dos estudos discursivos por abordar o abandono da proposição de uma maquinaria discursiva, logo, da visão de que seria possível instaurar uma análise automática dos discursos. Não um abandono que nega o que antes fora formulado, mas que a esse passado de uma leitura maquinária não se refere, detendo-se diretamente às questões da ideologia e da semântica

no que elas têm de estrutural no discurso. Ainda, em relação à Semântica como o lugar que se tem para pensar a língua na sua relação com a exterioridade, ele vai tomar a Linguística como teoria dada a questionamentos para mostrar a língua em seu funcionamento com e através do sujeito e suas condições, ou seja, o discurso. Ao abandonar a ligação com a Lógica na proposição de uma leitura automática, vai buscar pensar a matriz do sentido como parte fundamental dos efeitos de sentidos e dos processos que delineiam tais efeitos por vezes calcados na obviedade. Essa matriz, para ele, se dá por intermédio do que denominou “processos parafrásticos”, os quais se dão em retomadas, sinonímias (FUCHS; PÊCHEUX, 1993, p. 169). Se o ideológico faz parte da constituição do sentido, então é pela reprodução que a ilusão d’O sentido se instaura no discurso através da opacidade da linguagem. É a opacidade que o livro de 1975 busca desconstruir para dar espaço ao ideológico funcionando.

O capítulo IV de *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux* (1993), na seção anterior mencionado, que trata da reformulação dos pressupostos que Michel Pêcheux tenta instaurar na articulação entre três regiões da produção do conhecimento científico podemos ver em *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (2009) solidamente apresentados ao longo das suas quase trezentas páginas. Aqui é do sujeito que se trata e de seu posicionamento na produção dos discursos. Para abandonar o instrumento maquinário e adotar a teoria científico-reflexiva, de fato, ele explicita de forma clara o lugar da Análise de Discurso como uma teoria materialista e é desse posicionamento teórico que proporá todas as remodelações. Sua ligação ao desenvolvimento do pensamento de Althusser de uma luta de classes e dos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE) adentram fortemente o discurso de Pêcheux (2009, p. 102), sobretudo na formulação da noção



de interpelação do sujeito pela Ideologia, o que o faz inserir o conceito de formações discursivas, as quais são determinadas pelas condições de produção que significam tanto os sujeitos quanto o discurso. Sobretudo, ancorado no exposto por Althusser, ele irá desenvolver a proposta de que os discursos estão simultânea e constantemente em relações de reprodução e transformação, sendo tais relações calcadas na luta de classes. Assim é que vemos como

Na teoria discursiva, os conceitos de história, língua, ideologia e inconsciente deixam de ter a formulação de origem ganhando novas dimensões e formulações nas redes discursivas. Neste ponto de vista, a análise de discurso jamais seria um instrumento para a explicação simples de textos ou a aplicação modelar de uma teoria (BRASIL, 2011, p. 173).

O que queremos destacar é que faz parte do desenvolvimento e aprofundamento teórico pecheuxtiano o abandono do programa computacional antes desenvolvido, porque tem-se o entendimento de que não é possível que uma leitura automatizada dê conta de apreender o ideológico funcionando para a produção discursiva.

Um conceito demasiado importante, mas que vem de empréstimo à Pêcheux, é o de formação discursiva. Originalmente formulado por Michel Foucault, também em 1969, ele sofre uma ressignificação através do pensamento pecheuxtiano e é apresentado neste livro para consolidar a relação que o teórico faz do sujeito como resultado da História com a Ideologia, através da interpelação, pois que, “O sujeito, na teoria discursiva, se constitui na relação com o outro, não sendo origem do sentido, está condenado a significar e é atravessado pela incompletude” (BRASIL, 2011, p. 174). A partir dessa noção, que se torna uma das mais importantes para pensar e teorizar o objeto discurso, a leitura das palavras não é mais a mesma, já que uma mesma palavra pode ter significados muitos a depender da formação

discursiva em que se inscreve, da posição-sujeito daquele que a utiliza, das condições de produção que a constituem e, sobretudo, de como a ideologia aí está agindo. Da posição-sujeito analistas de discurso que aqui assumimos, vemos *Semântica e Discurso* como um acontecimento histórico, porque rompe com o antes (ainda que com ele se ligue em diversos pontos) e instaura um “novo” Michel Pêcheux, agora ciente de que não é possível empreender uma análise através de um programa automático,

Disso, pode-se destacar que a Semântica é o fio que une todas as partes do livro, dotando-o de coerência teórica e política, tendo em vista que o autor critica a Lógica por entender que ela se inscreve no óbvio, dando destaque à reconciliação da Semântica com o marxismo (VENTURINI; PETRI, 2019, p. 17).

O ano de 1969 marca o início do que viria a ser sólido no lançamento do livro de 1975, que, assim como o discurso, a teoria sobre ele não tem início nem fim, está em constante repensar, reformulando o que se vê necessário e, mais que tudo, sendo parte das condições de produção que marcam o discurso ideologicamente. Como destaca Orlandi (2019, p. 139), em relação ao proposto na AAD-69 e nas reflexões posteriores de Pêcheux, “ficou um eco a nos desafiar, menos no desenvolvimento da Análise de Discurso, e mais na possibilidade de elaborações e avanços teóricos que não esbarrassem em uma proposta fechada e inerte”. Uma proposta teórica que produz rupturas, desestabiliza, levanta questões sempre possíveis de serem outras.

## **Os desdobramentos da Análise de Discurso no Brasil: encontros além-mar**

Contribuindo com os desdobramentos teóricos e analíticos, a Análise de Discurso demarca seu lugar no Brasil através dos trabalhos e gestos interpretativos iniciais a partir de Eni Orlandi, os

quais se dão após o encontro inicial com a obra da *AAD-69*, ainda na França, durante o período em que esteve lá para desenvolvimento de seus estudos. Tomando de empréstimo o enunciado utilizado pela autora em entrevista publicada no livro *Encontros na análise de Discurso: efeitos de sentidos entre continentes* (OLIVEIRA; NOGUEIRA, 2019, p. 21) dizemos que “toda história intelectual começa muito antes de começar”, indicando que sua inquietação com a linguagem vem antes mesmo do autorreconhecimento como analista de discurso. A partir do nome de Orlandi, considerado fundamental para uma historicização da AD e seus desdobramentos no contexto brasileiro - e através dela contemplando outros grandes pesquisadores - nos propomos a considerar um breve percurso da teoria do discurso que é instalada no Brasil e nos afeta enquanto pesquisadoras inscritas nessa posição-sujeito analista.

No contexto sócio-histórico brasileiro, é recorrente observarmos a articulação da AD com a História das Ideias Linguísticas, doravante HIL, também desenvolvida por Eni Orlandi junto a Eduardo Guimarães e seus grupos de pesquisa na Unicamp. Tal prática é um dos principais componentes que particularizam a circulação da Análise de Discurso no Brasil e dos desdobramentos teóricos e analíticos que surgem a partir das pesquisas realizadas dentro desta filiação em específico. Contudo, vale ressaltar, há diversas linhas de pesquisa que trabalham a relação da Análise de Discurso com outros campos teóricos, como por exemplo nas ciências humanas. Elencamos aqui a HIL por ser de conhecimento nosso, uma vez que o laboratório ao qual nos vinculamos articula essas duas teorias tanto na iniciação científica quanto na pós-graduação. A proposta de entrelaçar esses dois campos de produção do conhecimento sobre a linguagem em relação se dá como uma maneira de perceber ainda mais diretamente como o histórico

está atrelado ao ideológico no funcionamento discursivo. A contribuição de percorrer e construir uma História das Ideias Linguísticas no território brasileiro vai dizer muito não só da importância que tem o desenvolvimento aqui praticado na AD, diferentemente do tratamento dado à teoria em outros lugares, mas irá além de tudo delinear o como as condições de produção são relevantes nas produções das ciências da e sobre a língua/linguagens, na Linguística e para além dela.

O que nos interessa destacar, sobretudo, nestes movimentos de circulação do conhecimento *de/sobre* Análise de Discurso é a sua constituição disciplinar, o que, em nosso entendimento, legitima institucionalmente a produção do conhecimento. No Brasil é a disposição de uma disciplina/ciência em âmbito acadêmico que lhe proporciona as honras de valorização. Há muitas maneiras de estudarmos as linguagens e a AD se propôs desde seu início (com *AAD-69*) a romper as barreiras limitantes ao estudo do sentido que eram impostas pelos estudos gramático-normativos, recaindo sua atenção aos efeitos de sentidos que o curso do discurso dispõe. Neste processo, Orlandi instituiu academicamente a AD, no contexto de produção brasileiro e a partir das leituras realizadas dos textos de Michel Pêcheux enquanto disciplina de entremeio: às margens das chamadas ciências humanas (FERREIRA, 2005; ORLANDI, 2019). As condições aqui não se assemelhavam às da produção de lá, na França, pois que o regime ditatorial relegou um ambiente de restrição às leituras e atitudes que se propunham questionadoras, como era o caso da teoria discursiva. E em tal condição de produção da chegada da teoria ao Brasil, intermediada por Orlandi, ressoa o efeito da frase final de *Semântica e Discurso*, postulando a necessidade de que “Não há dominação sem resistência: primeiro prático da luta de classes, que significa que é preciso ‘ousar se revoltar’” (PÊCHEUX, 2009, p. 281). Aqui

ainda mais que lá, na contraversão a uma ditadura imposta. Seria hoje, ainda, passível de sentido tal sequência discursiva? Ponto de reflexão.

O encontro que essa estudiosa tem de imediato não é com o autor, mas com a obra, com o que propunha Pêcheux ainda muito inicialmente, no mesmo ano de seu livro inaugural. O encontro, único, de fato, se dá apenas em 1982, rapidamente, em uma conversa na saída de uma conferência. Como podemos ler em sua entrevista,

A primeira coisa que Pêcheux me disse, depois de me ouvir um tempo, foi que não sabia que, no Brasil, alguém conhecia tão bem a *Análise de Discurso*. [...] E ele me aconselhou a ler o seu livro, segundo ele, mais importante: *Les vérités de La Palice*. Quando eu falei a ele sobre o discurso autoritário, polêmico e lúdico, ele me estimulou a continuar a explorar o que eu estava propondo, pois, segundo ele, eu procurava compreender os discursos, seu funcionamento, e não simplesmente categorizar tipos (ORLANDI, 2019, p. 26).

Aqui há dois pontos a destacar na historicização da constituição da *Análise de Discurso* enquanto disciplina no território brasileiro. O primeiro deles está no fato de que o contato inicial com a proposta de uma teoria do discurso se faz aqui quase que simultaneamente com o elaborado lá; Eni lê a obra inicial (AAD-69) no mesmo ano de sua publicação e isso faz com que a efervescência de uma compreensão do que seja o discurso se dê no ponto inicial de maneira próxima entre ambos os continentes. Apesar de estar lá, em solo francês, ela não tarda a voltar às atividades no Brasil, primeiro na USP, logo após na UNICAMP, onde propõe aos discentes e a si discutir e (re)pensar a teoria discursiva mesmo que ainda não exista espaço oficialmente institucionalizado para ela. Contudo, o contato com o desenvolvimento dessa teoria, com o repensar aquilo proposto por Pêcheux em seu *Semântica e Discurso* (2) não é tão logo o seu lançamento; é no diálogo brevemente explicitado acima onde tomará conhecimento da obra que virá a ser consolidada como uma das mais importantes

para a teoria discursiva. Isso já demonstra que as condições de produção do afastamento entre os continentes é também fator fundamental para as diferenças atualmente existentes entre os que aqui estudam a teoria discursiva seguindo o proposto pelo fundador e disseminado por Orlandi, entre outros pesquisadores nacionais, e a que se pratica ainda na França, como por exemplo o desenvolvido por Paveau.

Um outro ponto que gostaríamos de ressaltar é o fato de a pesquisadora propor desenvolvimentos à prática científica, como, lá no início dos estudos, a tipificação dos discursos autoritário, polêmico e lúdico, hoje não mais utilizada para as análises. Assim como Pêcheux, Eni Orlandi, no desenvolvimento dos trabalhos aqui no Brasil, vai abandonar aquilo que acredita não caber para a teoria, como o caso acima mencionado dos tipos, os quais vemos hoje como fechamento não existente nos efeitos de sentidos. Sua contribuição está em fazer com que se pense o discurso com as condições que lhe são específicas nesse país e com os sentidos daqui emergentes. Das diversificadas obras que possui publicadas desde o início de sua carreira, um dos destaques entre os iniciantes na aventura de se colocarem na posição-sujeito analistas é o *Análise de Discurso: princípios e procedimentos* (2015), que se caracteriza por uma escrita didática e no intento de conduzir o olhar inicial para uma teoria antes de mais nada problematizadora da leitura conteudista a que somos submetidos desde a infância, na maior parte dos casos.

A posição de entremeio que evoca a *Análise de Discurso* pecheuxtiana é a dos que colocam questões às disciplinas (linguística, materialismo histórico e psicanálise), não para aplicá-las como um método trivial e automático, mas para refletir com - e a partir - (d)elas. Já postulamos acima. No Brasil, não se apagam as proposições de disciplina de entremeio, ampliando seu espaço de circulação. Orlandi pratica o entremeio postulado

por Michel Pêcheux nas propostas de análise aqui desenvolvidas, assim como diversos outros pesquisadores e pesquisadoras brasileiras fazem com que a teoria do discurso se movimente entre campos de estudos, como a Psicologia, a História, A Filosofia, a Sociologia, a própria Linguística, entre outros. Ou seja, nos espaços deixados pelas teorias de base, o que a AD vem a fazer e continua é o fato de que

Interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialidade relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele (ORLANDI, 2015, p. 18).

Enquanto desdobramento teórico, a AD no Brasil vinculou-se muito mais aos estudos linguísticos do que aos estudos das ciências humanas, como por exemplo, os filosóficos. Mas, como já dito, isto não significa a inexistência de circulação para ela nestes outros espaços. Isto se dá devido ao seu espaço de legitimação, o qual ocorreu com maior adesão junto aos programas de pós-graduação e de graduação em Letras, em que pesquisadores responsáveis pela difusão nacional atuam, em grande maioria. E aqui retorna a figura de Eni Orlandi que, sendo linguista de formação, circula com sua prática analítica muito mais pelo contexto dos cursos relacionados aos estudos linguísticos do que por aqueles conexos às ciências humanas e sociais, em que se instala formalmente o seu fundador.

Atualmente, podemos observar adentrar, em número e aprofundamento, pesquisas sob a designação de Análise de Discurso em campos como a História, Filosofia, Sociologia e Psicanálise, onde vem para contribuir com seu método de leitura e análise de “uma *teoria (não subjetivista) da subjetividade*” (PÊCHEUX, 2014, p. 121-22). Talvez, não temos ao certo, um dos perigos desta

circulação em áreas outras pode ser o fato de vir a acarretar em uma redução da AD como simples mecanismo automático de leitura, de modo que se aplica como a um *software*, o que configuraria uma saturação e banalização de alguns conceitos. O que destacamos aqui não é de maneira nenhuma na intenção de vincular a prática científica da Análise de Discurso enquanto exclusiva a um determinado campo teórico (os estudos da linguagem também são passíveis de equívoco, sabemos), mas delinear que seu uso não deve ser apartado da reflexão relacionada ao ideológico em funcionamento sob condições de produção determinadas, uma vez que temos por certo não se tratar apenas de um método tão só “aplicável”, mas de uma prática que exige domínios específicos para não haver o risco de permanecer na opacidade do discurso.

Como destacado por Ferreira (2005, p. 21) “da matriz francesa, ficou o legado de Michel Pêcheux, - ‘a relação de nunca acabar’ -, que ganhou no Brasil desdobramentos e deslocamentos importantes e decisivos para a manutenção ainda hoje desse campo teórico com o prestígio que ainda desfruta entre nós”. Cabe a nós, enquanto analistas de discurso, a divulgação, produção teórica e comprometida, bem como a busca pela compreensão, nesta relação de nunca acabar, da Análise de Discurso enquanto um projeto aberto ao conhecimento em suas múltiplas faces, trazendo à baila as questões dos sujeitos, dos sentidos, da(s) ideologia(s), das condições.

Quando refletimos sobre nossa constituição enquanto analistas de discurso, por vezes desconsideramos a historicidade que vem com esta designação<sup>10</sup> e todo o percurso sócio-histórico que perpassa a teoria (e, por vezes, a reformula) para chegar ao que temos consolidado como ciência no hoje. Refletindo acerca das condições de produção que nos afetam em nossa pesquisa e fazer analítico,

<sup>10</sup> Designar, compreendido aqui, enquanto atribuir significado, tal como define Guimarães (2017) em Semântica do acontecimento.

demarcamos o espaço que nos une e ao qual nos filiamos: o *Laboratório Corpus - Laboratório de Fontes de Estudo da Linguagem*. É esse o espaço que, como um fio, enlaça aos diversos pesquisadores e pesquisadoras que ali atuam e desenvolvem suas pesquisas e reflexões, seja na iniciação científica, mestrado, doutorado, pós-doutorado e/ou pesquisadores conveniados. Todos de alguma forma inscritos na linha pecheuxiana da Análise de Discurso. Terreno de objetos díspares, local de questionamentos e possibilidades, é nesse espaço de possibilidades que iniciamos as reflexões expostas neste texto. Como uma mesma teoria é capaz de nos abrir para olhares tão múltiplos? Como os nossos objetos de análise, diferentes entre si, se ancoram sobre a noção de discurso? Tal foi a base para nos aprofundarmos em textos norteadores e como apresentam a noção basilar no decorrer de seu desenvolvimento.

Dessa maneira, é possível pensar e compreender como pesquisas de corporas tão distintas se relacionam. Temos em comum o desejo de compreender o funcionamento discursivo e seus efeitos. Com nossas pesquisas inseridas nesse espaço teórico-analítico, apresentamos um breve resumo do que trabalhamos em nossas dissertações e tese:

Analisar um crime sob a ótica da AD poderia tomar alguns rumos, dentre os quais a reflexão sobre os efeitos da terminologia feminicídio enquanto especificidade na morte de mulheres figura. Ou em como as vítimas sobreviventes discursivizam a violência e o abuso sofridos após a quase morte. Ainda, a análise de como o ato feminicida gera efeitos não somente no sujeito vítima, mas em quem presencia o fato. Três possibilidades de um trabalho analítico a partir de um crime qualificado no sistema penal brasileiro, os quais mobilizariam o discurso enquanto objeto teórico de formas particulares tanto pelas condições de produção

quanto pelo sujeito analista que a tais análises se proponha. Aqui, especificamente, a pesquisa se debruça em refletir, interpretar e compreender a maneira pela qual os operadores jurídicos (Juiz, promotores/as e advogados/as) formulam, em audiência penais, questionamentos, suposições, afirmações no que concerne ao feminicídio em sua direta relação com as posições-sujeito vítima e agressor. De tal modo, o discurso enquanto efeitos de sentidos, remetendo-nos à AAD-69 e à proposta de 1975, adentra as formações imaginárias sobre o crime (re)construído nos recortes, donde buscamos a compreensão de como vítima e agressor são discursivizados através dos efeitos suscitados pelos e nos operadores jurídicos. De tal modo, a articulação entre os recortes está, em nossa prática, retomando Pêcheux quando diz: “[...] a produção do sentido é estritamente indissociável da relação de paráfrase entre sequências tais que a família parafrástica destas sequências constitui o que se poderia chamar ‘a matriz do sentido’” (PÊCHEUX, 1993, p. 169). Não chegaremos à matriz da formação imaginária sobre o crime, mas a busca nas recorrências é pelo discurso, o seu funcionamento no social, o modo como afeta sujeitos e sentidos em simultaneidade. Eis nossa proposta com o feminicídio sob a ótica discursiva.

Os discursos estabelecem uma história, a história compreendida aqui, pensando-a discursivamente, não como cronológica, mas como efeito. A partir desse efeito, tal como destaca Orlandi (2008), constrói-se um imaginário, que se inscreve em um discurso estabilizado. É nesse espaço que envolve os efeitos do discurso histórico, que compreendemos o funcionamento do discurso *sobre* a região das Missões do Rio Grande do Sul, em especial o discurso *sobre* a primeira fase de aplicação da experiência missioneira. Compreendemos, deste modo, o discurso *sobre* a região das Missões como um discurso que constitui a memória, a história e que ressoa, atualmente, no discurso em circulação.

Esse efeito constitutivo do discurso nos permite empreender gestos de interpretação acerca de uma narratividade histórica.

Por último, introduzimos brevemente uma pesquisa que toca diretamente os sentidos do que se constitui como tecnologia no ambiente escolar ou de educação popular nas décadas de 1930 e 1940: filmes sobre Machado de Assis, Castro Alves, Ruy Barbosa, Barão do Rio Branco produzidos pelo Instituto Nacional de Cinema Educativo durante o Estado Novo brasileiro. Interessa-nos analisar a circulação de saberes sobre a linguagem em tais produções, partindo de uma relação porosa, não evidente, com a *língua literária*. Com isso, damos destaque a importância de trabalhar a partir da Análise de Discurso os sentidos sobre tecnologia na educação e, principalmente, a noção de materialidades discursivas, visando compreender que a produção de sentido está não só no linguístico, mas também no jogo que extrapola a imagem-língua: o som, o contorno das legendas, a fotografia, o foco, o corte, o silêncio. Não em vias de complementaridade, mas de disputa, de falha e equívoco. O filme designado escolar/educativo é assim analisado a partir de suas condições de produção, abrindo-se às contribuições dos estudos do cinema e audiovisual e da história do cinema no Brasil.

## **Os efeitos do discurso: uma relação de nunca acabar**

Nossa conclusão burla os efeitos tradicionais de fechamento e se apresenta como um convite à rememoração. Nos colocamos enquanto analistas e curiosas no saber mais sobre o percurso da constituição de uma teoria materialista do discurso, considerando seu efeito de uma ilusória, mas perseguida, origem, a busca pelo ato fundador, que se dá a partir da *Análise Automática do Discurso - AAD-69* (1993), de 1969. E convidamos à leitura

dessa nossa caminhada. Percorremos o conceito de discurso de lá até o proposto no famoso livro de 1975 e chegamos aos desdobramentos atuais nas pesquisas desenvolvidas em variados contextos, tomando como objeto diversos tipos de arquivos/corpus, no Brasil. Quando Pêcheux propôs esta ciência com a qual hoje nos deparamos e inscrevemos, expôs justamente a relação de nunca acabar (FERREIRA; INDURSKY, 2005): estar sempre em movimento, reformulando-se. Assim como o conceito norteador que frutificou a breve discussão exposta no espaço deste artigo, o trabalho teórico-analítico da Análise de Discurso não é algo dado, pronto a ser aplicado ao objeto de análise como se fosse um programa computacional ou uma máquina instrumental, sua característica é a de que está sempre neste movimento de vai-e-vém (tal como a metáfora do pêndulo proposta por Petri (2013)). E segue hoje assim como ontem e, desejamos, amanhã, produzindo novos gestos interpretativos, suscitando novos objetos dadas as condições de produção sempre-já moventes, enfim, sendo terreno profícuo às múltiplas reflexões.

Traçando este caminho que ainda e sempre suscita questões, nos propomos, a partir das reflexões aqui expostas, a buscar compreender os processos de historicização da Análise de Discurso, a partir da *Análise Automática do Discurso - AAD-69* - (1993) e *Semântica e Discurso - 1975* - (2014), e empreender um olhar sobre como os efeitos de sentidos que nos puxam ao fio do discurso, tal qual compreendemos e praticamos teoricamente nos dias atuais. Para isso, nosso gesto interpretativo foi mobilizado, com o olhar de pesquisadoras em constante construção e debruçadas sobre seus próprios e diferentes objetos de análise. Não trazemos aqui, então, um efeito de fechamento e encerramento, uma conclusão dada sobre a historicidade que constitui o discurso *sobre* os efeitos de origem da Análise de Discurso. Consideramos as proposições expostas enquanto reflexões inacabadas: sempre

hão de surgir muitos questionamentos a partir da historicização aqui feita, pois é isto que nos permite o discurso, o percurso de construção do analista, o lugar incômodo de continuar a questionar sempre.

## REFERÊNCIAS

AUROUX, Sylvain. A questão da origem das línguas, seguido de A historicidade da Ciência. Campinas: Editora RG, 2008.

BONNAFOUS, Simone; LÉON, Jacqueline; MARANDIN, Jean-Marie; PÊCHEUX, Michel. Apresentação da Análise Automática do Discurso (1982). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução: Bethania S. Mariani et al. 2ª ed – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.

BRASIL, Luciana Leão. Michel Pêcheux e a teoria da Análise de Discurso: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva. In: Revista Linguagens – Estudos e Pesquisas. Vol. 15, n. 01, p. 171-182, jan\jun 2011. UFG – Campus Catalão. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/lep/article/view/32465>. Acesso em: 26\10\2019.

FERREIRA, Maria C. L; INDURSKI, Freda (orgs.). Michel Pêcheux e a Análise de Discurso - uma relação de nunca acabar. São Carlos, SP: Claraluz, 2005.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O quadro atual da análise de discurso no Brasil: um breve preâmbulo. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (orgs.). Michel Pêcheux e a análise de discurso: uma relação de nunca acabar. São Carlos, SP: Claraluz, 2005.

FUCHS, Catherine; PÊCHEUX, Michel. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução: Bethania S. Mariani et al. 2ª ed – Campinas, SP: Editora da Unicamp,

1993.

GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução: Bethania S. Mariani et al. 2ª ed – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.

HENRY, Paul. Os fundamentos teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução: Bethania S. Mariani et al. 2ª ed – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.

LEON, Jacqueline; MALDIDIER, Denise; PLON, Michel. Apresentação da conjuntura em linguística, em psicanálise e em informática aplicada ao estudo dos textos na França, em 1969. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (orgs). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução: Bethania S. Mariani et al. 2ª ed – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.

OLIVEIRA, Guilherme Adorno; NOGUEIRA, Luciana (Orgs.). Encontros na Análise de Discurso: efeitos de sentidos entre continentes. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019.

ORLANDI, Eni P. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. 12ª ed – Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

ORLANDI, Eni P. Discurso e texto: formulação e circulação de sentidos. 4ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

ORLANDI, Eni. Entrevista com Eni Orlandi: “Penso que toda história intelectual começa muito antes de começar”. In: OLIVEIRA, Guilherme Adorno de. et al. (orgs.). In: Encontros na Análise de Discurso: efeitos de sentidos entre continentes, p. 21-90. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2019.

PÊCHEUX, Michel. Automatic Discourse Analysis. HAK, Tony; HELSLOOT, Niels (orgs.). Amsterdam: Atlanta, GA, 1995.

PÊCHEUX, Michel. Abertura do colóquio. in: BERNARD, Conein. (org) [et al.]. Materialidades discursivas. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

PÊCHEUX, Michel. O Discurso: estrutura ou acontecimento. Tradução: Eni P. Orlandi. 7ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni P (org) [et al.]. Gestos de leitura: da história no discurso. 4ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni Pulcinelli Orlandi et al. – 5ª ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

PETRI, Verli. O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do “dispositivo experimental” da análise de discurso. In: PETRI, Verli; DIAS, Cristiane (Orgs.). Análise do discurso em perspectiva: teoria, método e análise. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

VENTURINI, Maria Cleci; PETRI, Verli. Algumas reflexões sobre o trabalho teórico de Michel Pêcheux: 50 anos após a publicação de AAD-69. In: GARCIA, Dantielli Assumpção; SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari (Orgs.). De 1969 a 2019: um percurso da/na análise de discurso. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

**Submissão: janeiro de 2021.**

**Aceite: março de 2021**